FACULDADE DE LETRAS UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

145

INSCRIÇÕES 592-594



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA | SECÇÃO DE ARQUEOLOGIA DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

José d'Encarnação

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

Instituto de Arqueologia

Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes
Faculdade de Letras | Universidade de Coimbra
Palácio de Sub-Ripas
P-3000-395 COIMBRA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



FRAGMENTO DE PLACA FUNERÁRIA DA HERDADE DE FONT'ALVA (ELVAS)

Fragmento de placa funerária romana de mármore branco do tipo Estremoz/Vila Viçosa, recolhido, há cerca de oito anos, nos terrenos da Herdade de Font'Alva (Santa Eulália, Elvas, Portalegre).¹

A referida herdade situa-se a norte da povoação de Barbacena e a sudoeste da de Santa Eulália (Elvas), ocupando actualmente uma área de cerca de 2000 hectares. A peça terá sido encontrada na sequência de trabalhos agrícolas realizados nos terrenos que se estendem, no sentido sul-norte, pela zona do Torrão e ao longo da Ribeira da Murteira. A fractura da peça sugere que esta já se encontraria fragmentada à data da respectiva descoberta no decurso dos trabalhos de lavoura, sem que tenha sido possível localizar a parte da lápide em falta.

De registar que todo o terreno da propriedade de Font'Alva revela um importante potencial arqueológico, com evidências documentadas desde o período paleolítico até à época altimedieval e moderna (Almeida, 2000; Arezes, 2010; Paço & Ferreira, 1951; Paço, Ferreira & Viana, 1957). Em meados da primeira metade do séc. XX, terá sido aí identificada uma

¹ Agradecemos ao Sr. Eng. José Luís Sommer d'Andrade, actual proprietário da Herdade de Font'Alva, a autorização e facilidades concedidas para este estudo, bem como as informações relativas ao achado da peça.

sepultura de cronologia romana (Paço & Ferreira, 1951; Paço, Ferreira & Viana, 1957). As informações sobre este enterramento, designadamente no que respeita à localização, morfologia e conjunto funerário associado, são parcas e pouco esclarecedoras (Paço, Ferreira & Viana, 1957). Assim sendo, a identificação no terreno do local da dita sepultura revela-se actualmente bastante problemática, assim como o apuramento da respectiva cronologia. À luz dos dados disponíveis, a formulação da hipótese de uma eventual relação entre o espaço funerário identificado em meados do século passado e a origem da lápide funerária em estudo, apesar de tentadora, não se afigura viável.

A moldura que limita o campo epigráfico, rebaixado em relação a ela, é de gola directa, com filete a demarcá-la pela parte de fora.

Dimensões: 42 x 31,5 x 6 (totais) Campo epigráfico: 27,7 x 25,5

D (iis) M(anibus) / ATILIA \cdot [MAXI]/MA \cdot AN(norum) \cdot XX[...?] / L(ucia) \cdot CVR(ia) \cdot ATILI[ANA] / 5 MATER \cdot ET \cdot [PATER] [?] / SERVATV[S] [FIL(iae)] / PIAE \cdot F(aciendum) \cdot C(uraverunt)

Aos deuses Manes. Atília Máxima, de [...] anos. Lúcia Cúria Atiliana, a mãe, e o pai Servato à filha piedosa mandaram fazer.

Alt. das letras: 1. 1: 2,2; 1. 2: 2,7; 1. 3: 2,9/3,1; 1. 4: 2,6/2,8; 1. 5: 2,9/3,4; 1. 6: 2,7/2,9; 1. 7: 2,4/2,9. Espaços: 1: 1,1; 2: 1,1; 3: 0,9; 4: 0,6/1; 5: 0,8/1; 6: 0,9; 7: 0,7; 8: 1.

O campo epigráfico, alisado na perfeição, permitiu aprimorada gravação a bedame, inclusive com cuidadoso remate das extremidades das letras.

Temos, possivelmente, a metade esquerda da placa, mormente se considerarmos a existência de um hipotético eixo de simetria que passaria pelos sinais de pontuação (no geral, bem triangulares e de vértice para cima) da linha 2 e da final. Afigurase-nos que a paginação deve ter seguido justamente um eixo de simetria, sobretudo tendo em conta a 1ª e a última linhas, estando

as demais sensivelmente alinhadas à esquerda, o que nos leva a supor que também o estariam à direita, formando uma 'caixa'. São bastante regulares os espaços interlineares: o *ordinator* procurou, na realidade, o aproveitamento total do espaço disponível, inclusive mantendo um intervalo mais folgado do que o normal entre os caracteres. Não usou, porém, escantilhão ou não ligou grande importância à regularidade geométrica das letras, que diferem na altura nem obedecem a um *ductus* rígido, dando mesmo a impressão de que o texto foi esboçado à mão levantada, fazendo jus à perícia do *ordinator*. O nexo AT – não muito frequente na epigrafia da Lusitânia – confirma, por outro lado, a sua experiência.

Os caracteres são, por isso, actuários, ainda que denunciem influência do estilo capital quadrado, por exemplo no traçado do E (de barras bem paralelas e iguais), do P aberto e do R, que é nitidamente feito a partir do P; mas já o M e, de modo especial, o N da l. 3 (em que se não conseguiu boa ligação no vértice inferior) denunciam o carácter actuário que ora se assinalou.

Na l. 1, preferimos D(is) M(anibus) sem S(acrum), por uma questão de estética.

Na l. 2, não cremos necessária a referência à filiação, não só por evidente falta de espaço, mas também porque a dedicatória é, verosimilmente, feita pelos pais, o que torna supérflua essa menção. Como o *cognomen* termina em –MA no princípio da l. 3, apontamos para reconstituir o *cognomen* mais comum: *Maxima* ou, até, *Maxuma*.

Na 1. 3, não pode saber-se, ao certo, a idade; se for apenas XX, poder-se-ia pensar na presença também da fórmula funerária H(ic) S(ita) E(st); não seria despropositado e ter-se-ia espaço.

Perturba-nos, hemos de confessar, o L inicial da l. 4, dada a invulgaridade de uma mulher ter *praenomen*. Não esquecemos, todavia, que, na Herdade da Salsa, em Serpa, que pertence ao mesmo horizonte cultural desta epígrafe, se registou a cupa de *C. Valeria Amma* (HEpOL registo nº 5216). Ainda cogitámos tratarse do final de S. T. T. L.; contudo, postularia também H. S. E. e não há mesmo espaço para tudo. Por conseguinte, apesar de não usual, acreditamos ser possível que a mãe de *Atilia* se pudesse ter chamado L(*ucia*) CVR(*ia*) ATILI[ANA]. Do segundo I há vestígios na fractura.

Na l. 5, a copulativa ET a seguir a MATER implica a palavra

PATER, que também estará por extenso, uma vez que MATER foi gravada com tanta largueza.

Na l. 6, teremos, portanto, a identificação do pai, apenas com um nome, *Servatus*: reconstituir o S final é mais do que verosímil. Trata-se, por sinal, de um *cognomen* nada frequente na epigrafia peninsular, se atendermos a que, em HEpOL, se citam apenas dois testemunhos: registos nºs 19 629 (de Tarragona) e 21 660 (de Cáceres). Segundo Kajanto (p. 18 e 256), é um daqueles *cognomina* latinos susceptíveis de relacionar com um espaço geográfico preciso, pois dos 98 testemunhos documentados no conjunto do CIL, 61 são da *Gália Narbonense* (CIL XII).

Na l. 7, o adjectivo PIAE postula que, na linha anterior, haja o substantivo correspondente, que será FIL(*iae*). E optamos pela abreviatura por uma questão de espaço. O ponto que vem a seguir a PIAE sugere-nos a fórmula final típica das inscrições funerárias em placas desta região: F(*aciendum*) · C(*uraverunt*), reconstituição que se adequa ao espaço e ao texto.

De *gentes Curiae* há testemunhos no território lusitano, dos quais o mais citado será, porventura, *C. Curius Firmanus*, para quem a esposa, *Curia Vitalis*, mandou lavrar sumptuoso epitáfio, na *civitas Igaeditanorum* (HEPOL registo nº 21 461).²

Para além de exemplos dispersos, mormente no *conventus Pacensis*, a acumulação de *Atilii* no termo de *Olisipo* é deveras evidente (*Atlas*, mapa 43, p. 103), onde temos mesmo um cavaleiro que com essa família está relacionado: *C. Cominius Atilianus* (CIL XII 263). No Sul da Lusitânia, não poderá deixar de referir-se o pedestal, achado em S. Bartolomeu de Messines (IRCP 60), de uma estátua prateada dedicada a Júpiter Óptimo Máximo *in memoriam L(ucii) Atili(i) Maximi Severiani* pelos seus pais *L(ucius) Atili(ius) Atilianus* e *Artullia Severa*.

Uma palavra, ainda, sobre a presença do adjectivo *pia*, que virá a utilizar-se na expressão *pius in suis*, mas que isoladamente não é comum: em CIL II 263 não chega à dezena o número de exemplos. Mais uma prova da «antiguidade» desta epígrafe, pois

² No *Atlas* citado na bibliografia, dá-se conta de pouco mais de uma dezena de *Curii*, ocorrendo com mais frequência em torno da referida *civitas Igaeditanorum* e de *Olisipo* (p. 157, mapa 109), circunstância que nos sugere serem testemunhos – tal como este – dos primórdios do Império.

bem depressa o normal será o superlativo pientissima.

Aparentemente singelo, este epitáfio – datável, como atrás já se deixou perceber, de meados do século I da nossa era – revela-se, do ponto de vista histórico, de elevado interesse, pela singular onomástica das personagens nele mencionadas e, de modo especial, pelos problemas de interpretação que levanta.

Referências Bibliográficas

Almeida, Maria José de, *Ocupação Rural Romana no Actual Concelho de Elvas*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2000 (policopiado).

AREZES, Andreia, *Elementos de Adorno Altimediévicos em Portugal (Séculos V a VIII)*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia (2º Ciclo) apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2010.

Atlas = Navarro Caballero (Milagros) e Ramírez Sádaba (José Luís) [coord.], *Atlas Antroponímico de la Lusitania Romana*, Mérida (Fundación de Estudios Romanos) — Bordéus (Ausonius Éditions), 2003.

HEPol = *Hispania Epigraphica on line*, acessível em http://edabea.es/

IRCP = ENCARNAÇÃO, José d', *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis.* — *Subsídios para o Estudo da Romanização*. Coimbra, 1984. [O número indica o número da inscrição no catálogo]. http://hdl.handle.net/10316/578

Kajanto, Iiro, *The Latin Cognomina*, Roma, 1982 (reimp.).

PAÇO, Afonso do; FERREIRA, Octávio da Veiga, «Antiguidades de Fontalva (Elvas)», *Revista de Guimarães* 61 (3-4) 1951 416-425. Acessível em: http://www.csarmento.uminho.pt/docs/ndat/rg/RG061 19.pdf

Paço, Afonso do; Ferreira, Octávio da Veiga; Viana, Abel, «Antiguidades de Fontalva. Neo-eneolítico e época romana», *Zephyrus* 8 1957111-133: http://campus.usal.es/~revistas_trabajo/index.php/05147336/ article/view/3637/3654

José d'Encarnação Mónica Rolo



INSCRIPCIÓN FUNERARIA DE CAVRIVM (CORIA – CÁCERES)

(Conventus Emeritensis)

La elaboración del cuarto volumen del *Corpus de Inscripciones Latinas* de Cáceres, dedicado a *Caurium*, nos ha llevado a viajar frecuentemente por los pueblos y campos de la comarca. El solar de la antigua ciudad romana cuenta con un número importante de epígrafes catalogados. Muchos de ellos aún se conservan y hemos tenido ocasión de documentarlos, pero otros no han sobrevivido al paso del tiempo y se han perdido o han sido destruidos. Algunos sirvieron como material de construcción para la muralla bajo imperial y están hoy visibles a la mirada de los curiosos que se acercan a disfrutar de la belleza de esta impresionante fortificación. Otros muchos se conservan en palacios, conventos y casas particulares dentro del casco urbano. Y un buen lote de ellos está recogido en el Museo de la Cárcel Real, en la calle Monjas nº 2.

Uno de nuestros viajes lo dedicamos al estudio de los epígrafes que albergaba el mencionado Museo. Allí, en la poyata de una ventana que da al exterior, junto al mostrador de la recepción, se encontraba esta inscripción que hasta ahora había permanecido inédita.

Por la información que tenemos de nuestros colaboradores sabemos que el ejemplar que nos ocupa apareció en el derribo de la casa nº 1 de la calle Cruz de Piedra¹.

¹ Quiero agradecer a mi buen amigo Juan Pedro Moreno Carrasco, perfecto conocedor de la arqueología y de la historia de Coria, que me acompañó siempre en las aventuras caurienses y me facilitó la ubicación de las inscripciones. También a Gregorio Francisco, por su colaboración y por mostrarse siempre solícito a nuestras peticiones.

Se trata de un fragmento de estela rectangular de granito gris de la que se conserva la parte central, el resto se ha perdido. La rotura de la cabecera y el pie afecta al texto que está incompleto, apreciándose solamente tres líneas del mismo y parte de una cuarta. Está muy deteriorada.

Dimensiones: (38) x 41 x 20. Letras: 6.

-----/VCI[V]S [?] · C(oniugi) · PII/S(simae) · EROI(di) · APA/NAE · AN(norum) XX (viginti) / [S(it)?] T(ibi) T(erra) L(evis) [?] / -----[?]

Las letras, con *ductus* irregular y el grabado profundo, son capitales cuadradas con rasgos rústicos y los signos de interpunción punto.

En la línea 1, la V se ha borrado totalmente; el anillo de la P es irregular y no parece apoyarse en el asta vertical. Las II tienen un trazado también irregular.

En la línea 2, las astas onduladas de la S son rectas, horizontal la superior e inclinada la inferior; los brazos de la E son simples puntos y la pata de la R no llega a tocar el asta vertical; la panza o anillo de la P es un simple trazo recto inclinado; la primera A no lleva barra y la segunda la lleva paralela a la segunda asta.

En la línea 3, la N va con el último trazo curvo; el asta inicial de la A es perpendicular y los brazos de la E parecen tener las mismas características en punto que la anterior. Las AA de esta línea no llevan barra o al menos no se distinguen.

En la línea 4, se aprecian restos de letras dificiles de identificar. Las finales pudieran corresponder quizás a parte de la fórmula funeraria.

La lectura es insegura y no ha sido fácil desentrañar la estructura del texto². La difunta parece ser *Erois* homenajeada por su cónyuge, del que solo se ha conservado la terminación en nominativo. Este *cognomen*, de procedencia griega, es bastante raro en la epigrafía

² En el análisis de esta inscripción he tenido la inestimable ayuda de mi querido amigo y maestro Eustaquio Sánchez Salor, a quien agradezco enormemente sus comentarios.

peninsular, documentándose un testimonio en una inscripción, también funeraria, procedente de Osuna³ y otro de Cádiz⁴. Un tercer caso dudoso aparece en Cartagena⁵.

No es frecuente la referencia a la filiación materna, aunque no son pocos los ejemplos ya documentados en la epigrafía cacereña. Normalmente se produce en los casos de hijos naturales, por tanto no nacidos de una unión matrimonial⁶. El nombre de origen griego de la difunta estaría indicando la procedencia servil de la misma y por tanto la condición de ilegítima de la hija de *Apana*.

En la zona de *Turgalium* tenemos dos casos en inscripciones procedentes de Puerto de Santa Cruz⁷ y el propio Trujillo⁸; dos en el área de Norba, concretamente en los municipios de Santa Ana⁹ y Torre de Santa María¹⁰ y dos en territorio cauriense, en inscripciones de Villamiel¹¹ y de la propia Coria¹².

Mucho más común es el nombre de *Apana*, un antropónimo de procedencia indígena, cuyos testimonios se extienden por Lusitania, con especial concentración en la provincia de Cáceres y, sobre

³ CIL II. 1741.

⁴ CIL II2/5, 1044.

⁵ Ramallo Ascensio (Sebastián Francisco), «Nuevos testimonios epigráficos sobre movilidad de población en Carthago Nova», *Anales de Arqueología Cordobesa* 21-22, 2011-2012, 317-319, nº 1, lám. 1.

⁶ Los hijos naturales podían ser legitimados y por tanto convertirse en hijos legítimos. Sobre el particular véase: ALVARADO CHACÓN (Joaquín Rafael), «La filiación en el derecho romano», *Revista de la Facultad de Ciencias Juridicas y Políticas* 5, 2009, 65-128. Ejemplo de esta filiación materna lo tenemos, por ejemplo, en las dos inscripciones lucenses de Ourol; véase: GóMEZ VILLA (Javier), *Epigrafía Romana de la Provincia de Lugo*, Lugo 2011, n^{os} 4 y 168.

⁷ ESTEBAN ORTEGA (Julio), *Corpus de Inscripciones Latinas de Cáceres II. Turgalium* [= *CILCC* II], Cáceres 2012, 193, nº 668.

⁸ *Ibidem*, 824.

⁹ Esteban Ortega (Julio), *Corpus de Inscripciones Latinas de Cáceres I. Norba* [= (*CILCC* I)], Cáceres 2007, 228-229, nº 330.

¹⁰ CILCC I, 355.

ESTEBAN ORTEGA (Julio), «Capitel con inscripción en Villamiel (Cáceres)», FE 126, 2015, 6-9, 535.

¹² Thouvenot (Raymond), «Note sur trois inscriptions lusitaniennes», *Revue des Études Anciennes* 42, 1940, 530.

todo, al sur del Tajo¹³. Aquí, en el territorio de *Turgalium*, aparece el mayor número de casos, como los procedentes de los municipios de Ibahernando¹⁴, Logrosán¹⁵, Puerto de Santa Cruz¹⁶ y Santa Cruz de la Sierra¹⁷. No faltan ejemplos al norte del citado río, en territorio augustobriguense, como en Tejeda de Tiétar¹⁸ o en la propia *Caurium*, donde se documenta otro caso más¹⁹.

Por el formulario epigráfico y la utilización del superlativo se fecharía en el siglo II o en el III d. C.

JULIO ESTEBA ORTEGA



⁵⁹³

¹³ Vallejo Ruiz (José María), Antroponimia Indígena de la Lusitania Romana, Vitoria 2005, 158-160.

¹⁴ CILCC II. 577.

¹⁵ CILCC II, 602.

¹⁶ CILCC II, 668.

¹⁷ CILCC II, 689. Aunque nosotros interpretábamos como *Amana*, parece más probable *Apana* por el número de testimonios documentados en la zona.

¹⁸ SAYAS ABENGOCHEA (Juan José) y SÁNCHEZ ABAL (José Luis), «Nuevas inscripciones cacereñas», Homenaje a Montero Díaz, Anejos de Gerión II, 1989, 417-425.

¹⁹ Díaz Martos (Antonio), «Inscripción en Coria (Cáceres)», *Revista de Estudios Extremeños* 13, 1957, 347-348.

FRAGMENTOS DE CUPAE NAS MURALHAS DE BEJA (Conventus Pacensis)

No decorrer da intervenção arqueológica desenvolvida entre Setembro de 2015 e o final de 2016 no âmbito do projecto *Reabilitação do Parque Vista Alegre* em Beja, da responsabilidade do município bejense, foram identificados dois fragmentos de *cupae* reutilizados na face externa da muralha medieval.

Os trabalhos arqueológicos a cargo da empresa Palimpsesto, Lda., decorreram sobre a direcção científica do signatário e consistiram no acompanhamento arqueológico da empreitada e na realização de sondagens arqueológicas de diagnóstico e levantamentos fotogramétricos de diversas ocorrências.

A zona de intervenção do projecto de reabilitação incide sobre uma área extra muralhas que servia de ligação pedonal entre a Rua do Sembrano (no interior da cerca muralhada) e a Rua Capitão João Francisco de Sousa (no exterior da muralha) e que foi alvo de trabalhos anteriores, nos finais dos anos 90 do século XX e nos inícios do século XXI, para criação de um espaço ajardinado¹.

A muralha medieval que atravessa todo o lado Norte da área intervencionada é composta por dois lanços rectilíneos quebrados por três torreões quadrangulares. Algumas áreas

¹ AAVV, *Beja: Caminhos de Futuro – Programa Polis*, Beja: BejaPolis, 2005, p. 99.

evidenciam uma forte degradação dos panos de muralha e diversas alterações provocadas por construções habitacionais ao longo dos séculos.

Uma observação atenta da muralha permite vislumbrar inúmeros materiais reutilizados, para além de uma cabeça de touro atribuída à época de Augusto e que originalmente deveria elevar-se sobre uma das portas da *colonia* de *Pax Iulia* ou decorar o fórum imperial², mas que agora se encontra embutida na face de um dos torreões existentes neste espaço. Outros autores já chamavam a atenção para a existência de pilastras visigóticas aplicadas em cantos dos torreões e outros materiais de época romana³.

A empreitada de reabilitação deste espaço não contemplava qualquer intervenção na muralha, mas os impactes indirectos que poderiam existir conduziram à necessidade de se efectuar um levantamento arquitectónico do pano muralhado para identificação de patologias e alguns levantamentos digitais de pormenor face a algumas das ocorrências detectadas durante as obras aí realizadas.

Deste modo foi possível identificar uma grande quantidade de materiais de várias épocas, destacando-se os do período romano e que eram maioritariamente constituídos por blocos de *opus caementicium* reutilizados no preenchimento das juntas entre os blocos pétreos da muralha e alguns elementos arquitectónicos.

Durante a realização do levantamento fotográfico de materiais reutilizados identificaram-se dois fragmentos pertencentes a *cupae*, localizados próximos um do outro no sector Este do pano de muralha, numa zona que apresentava uma grande lacuna com aluimento pontual.

Fragmento 1 (Fig. 1)

Executado sobre bloco de mármore de Trigaches – São Brissos de tom cinzento azulado com manchas mais escuras.

² IDEM.

³ ESPANCA, Túlio, *Inventário artístico de Portugal – Distrito de Beja*, XII, vol. 1, Lisboa, 1992, p. 84.

Não apresenta soco e possui duplo aro de aduela em altorelevo (5 cm de largura). Decoração gravada na face lateral em forma de quadrante com motivo circular gravado no interior.

Dimensões: 21 cm x 29 cm com 29 cm de profundidade máxima embutida na muralha.

Fragmento 2 (Fig. 2)

Também realizado em mármore de Trigaches, corresponde a uma possível base de *cupa* com soco saliente.

Dimensões: 15 cm x 26 cm com 26 cm de profundidade máxima embutida na muralha.

Um pouco por toda a muralha de Beja reconhecem-se vestígios similares mas é na alcáçova do castelo que podemos facilmente observar algumas dezenas de fragmentos de *cupae* que se reconhecem pelas ornamentações laterais, normalmente em meia circunferência com arcos interiores (Fig. 3 e 4) ou pelos aros de uma ou duas aduelas. Situação que justificará seguramente um levantamento de pormenor no futuro.

MIGUEL SERRA



594